



## INFORMAÇÕES E CONTRA-INFORMAÇÕES COMO INSTRUMENTOS CONTRA-REVOLUCIONÁRIOS

Cel Cav GERALDO KNAACK DE SOUZA

### 1. GENERALIDADES

A utilização da informação, como instrumento capaz de fornecer conhecimentos básicos e indispensáveis às decisões, é tão antiga quanto a própria história das guerras.

A evolução da sociedade fez progredir esse instrumento, do espião ou agente, até as grandes e complexas organizações de informações. Hoje, verdadeiras 4ª Forças, estas organizações desempenham papel relevante em todas as espécies de luta.

A técnica do trabalho de informações é a mesma para todas as ações; a tática varia com os objetivos de informação, com o meio ambiente e com os recursos disponíveis (pessoal, material e financeiro).

Nesta palestra, é nossa intenção tecer considerações sobre o

ambiente revolucionário; focalizar alguns aspectos, os fundamentais, da guerra revolucionária; mostrar uma forma de organizar as informações e dar uma idéia sobre seu trabalho, ressaltando, em particular, algumas normas que devem ser rigorosamente observadas e, finalmente, apontar o principal objetivo das informações numa G.R.

Não é nosso desejo, nem temos a pretensão de fornecer receitas de organização de informações, mas consideramos nossa obrigação expor claramente nosso ponto de vista, no sentido de defender a tese de que, em certa fase da G.R., a informação é, talvez, o principal instrumento de governo, para manter a estabilidade do regime, desde que a organização seja realmente eficiente, isto é, abranja corretamente os setores a serem pesquisados



e seja capaz de produzir trabalho elaborado segundo raciocínio sadio.

## 2. O AMBIENTE REVOLUCIONÁRIO

Segundo Talleyrand — “Nada é mais problemático que o complexo dos interesses de um país, onde muitas vezes o interesse de hoje se torna a desvantagem de amanhã. Pois que a essência da política é, portanto, daquilo que em determinadas circunstâncias se pode fazer, não se orienta para metas longínquas e sim, para as relativamente vizinhas.

O conceito-interesse de um país — resulta sempre em 2/3 de opinião e 1/3 de convicção, e não é possível retirar do conjunto dos interesses do país aquele véu sutil que os torna pouco visíveis e pouco claros.”

O ambiente revolucionário é caracterizado por um conjunto de opiniões acerca do que é melhor para o país ou dos interesses mais autenticamente nacionais, que levam seus adeptos à radicalização em torno de seus pontos de vista e, pouco a pouco, terminam por dividir o campo das divergências.

Tais grupos procuraram sempre ganhar o apoio das massas pela emoção, única via de acesso para dinamizá-las. Estabelece-se, inevitavelmente, um clima emocional, alimentado pela esperança de melhores dias, com a consecução de determinados objetivos, não raro, indefinidos ou indefiníveis pelos seus mais honestos pregadores, por não re-

sultarem, normalmente, de um pensamento sadio. Decorrem de opiniões, às vezes superficiais, que, mais ou menos bem apresentadas, e à força de repetição e propaganda, se transformam em convicções e em aspirações de considerável parte da população.

Vários fatores históricos, políticos, econômicos e sociais são responsáveis pela criação desse ambiente, que se sobrecarrega à medida que vai sendo agitado.

A favor das mudanças pretendidas, avolumam-se razões de todos os matizes, principalmente as ideológicas, que, pelo seu caráter polêmico, facilitam a criação do estado emocional.

Esse estado emocional nem sempre leva o povo à violência, em particular, quando existem válvulas de escape, como as eleições nas democracias, através das quais seus líderes podem alcançar o poder para a realização, de cima para baixo, das transformações consideradas necessárias.

Alcançar ou manter o poder é o objetivo dos líderes revolucionários, a fim de obter a indispensável autoridade para o estabelecimento de um sonhado regime, cujo conceito, na prática, tem correspondido a realidades profundamente diferentes.

Para isto, ao revolucionário, normalmente, qualquer processo é lícito. Da astúcia à violência tudo serve, pois, presumivelmente, está lutando pelo direito de melhorar, que lhe estaria sendo negado ou usurpado.

Convém notar que nos dias de hoje, dificilmente, o mundo assis-



tirá a uma GR inteiramente nacional, como o foram as revoluções inglesa, americana, francesa e russa. Os tempos mudaram, os meios são outros e o mundo se universaliza.

Se no passado, a defesa dos interesses nacionais sofreu os reflexos da situação internacional, hoje, esta reage mais direta e intensamente sobre os interesses dos Estados. A autodeterminação sofre tremendas limitações e não existe em toda a sua plenitude, nem mesmo para as grandes potências.

A habilidade dos dirigentes de um Estado consiste em resolver seus problemas internos, com o mínimo de interferência externa e de forma a colocar seus Estados em honrosas posições de independência, no concerto das nações.

### 3. A GUERRA REVOLUCIONÁRIA P/AS INFORMAÇÕES

Para as informações, o problema da GR consiste em identificá-la pelos traços comuns a todos os movimentos semelhantes, isto é, em determinar o quadro pelos sintomas.

De exaustiva pesquisa sobre o assunto, passados em revista os fatos históricos, as interpretações de diversos autores e a conceituação recomendada pelo EMFA, chegamos a concluir pela existência de alguns pontos comuns a todas as interpretações:

- A GR é uma luta entre nacionais, que pode deixar de ser autenticamente nacio-

nal, em que ambos os partidos acreditam estar defendendo legítimas aspirações;

- quaisquer que sejam as características dos homens (irresponsáveis, excitados ou apenas sensíveis), a GR desenvolve-se em ambiente altamente emocional, comumente caracterizado pela radicalização de posições;
- a GR é geral;
- as GR resultaram profundas modificações nas estruturas das sociedades, quase sempre decorrentes de atos de violência que antecederam ou sucederam a tomada ou permanência no poder ou, ainda, aconteceram em ambas as oportunidades.

Além disto, o estudo das principais revoluções, com o mesmo caráter dos movimentos que hoje se convencionou chamar GR, mostra-nos a existência de elementos comuns aos diferentes quadros revolucionários, que, na opinião abalizada de Trotsky, ninguém planeja, mas que podem ser liderados em seu desenrolar, por "conscientes e experimentados trabalhadores, educados, em sua maior parte, pelo partido de Lenin".

Esses fatores são:

- o mal-estar econômico, que, por paradoxal que pareça, resultou, em última análise, da evolução econômica em que se encontravam as sociedades que viveram a revolução. O povo necessitado não faz revolução, como reconhece Trotsky: "se o fi-



zesse, haveria revolução todos os dias";

- a radicalização das posições políticas, ocasionando a formação de dois grupos — o revolucionário e o conservador — com a deserção dos grupos intelectuais. É interessante notar que semelhante situação de intransigência resulta, em geral, da disputa entre classes, quando estas se encontram próximas e lutam contra privilégios ou imperfeições e a maquinaria governamental mostra-se falha, ou insuficiente, para enfrentar a evolução e executar as indispensáveis mudanças nas estruturas inadequadas à situação.

O caso da vitória de uma revolução de escravos no HAITI é uma das raras exceções da História;

- a perda da fé nas instituições vigentes, por parte da classe governante, que, assim, se torna ineficiente ou inepta;
- o desafio constante das autoridades constituídas pelos revolucionários e a não utilização da força pelo governo. Nenhuma revolução venceu, nenhuma GR foi possível, antes de o governo perder o controle das Forças Armadas ou de terem os revolucionários conseguido substancial apoio das mesmas. Isto tem sido verdade desde os tempos do arco e da flecha.

A evolução da ciência e da técnica permitiu a guerra total de

nossos tempos e justificou o aforismo de Hitler de que "mais fraca do que os flancos de uma tropa que avança é a sua retaguarda".

O ataque às retaguardas foi principalmente realizado pela famosa 5ª coluna, orientada por Goebbels, um gênio da Propaganda.

O ensinamento ficou e a resposta veio pronta. Após a 2ª Grande Guerra, assistimos à evolução da doutrina de defesa dos interesses dos Estados, para os atuais termos de Segurança Nacional, em que avulta a Segurança Interna, ou seja, a segurança da retaguarda.

Pela desorganização da retaguarda, aniquila-se o valor combativo do adversário, ou retarda-se o aparecimento de um possível competidor.

É fundamental, pois, manter-se em equilíbrio a frente interna.

Esta, entretanto, só se convulsiona pela ação dos fatores já apontados e que resultam mais da imprevidência ou incapacidade dos nacionais, que da ação de estranhos. Estes, a História tem mostrado, procuram tirar partido das situações.

Na busca daqueles fatores que se antepõem ao desejado equilíbrio interno é que se realiza o trabalho de informação no setor da segurança interna.

#### 4. AS ORGANIZAÇÕES DE INFORMAÇÃO E O TRABALHO DE FORMAÇÕES

A primeira pergunta que poderia surgir no quadro deste trabalho, seria acerca da existência



de um organismo de informações para fazer face à GR.

Parece-nos que a GR é, apenas, um dos problemas da Segurança Interna e os problemas desta categoria existem em todos os países do mundo, até nos mais estáveis.

Esta a razão de encontrarmos na Inglaterra, na França, nos EUA, na Rússia, etc, os departamentos que tratam especificamente de informações de Segurança Interna.

Os campos a serem trabalhados por esses departamentos são, praticamente, os mesmos, e, o que se pesquisa em todos eles são os elementos antagônicos ao interesse nacional. Este, traduzido por uma política declarada do governo ou por orientação sigilosa.

A prioridade de trabalho, variável com a situação, vêm também do governo.

Pelo exposto anteriormente, verificamos que a Segurança Interna de um país se resume na manutenção da estabilidade do regime vigente e que esta pode ser ameaçada pela exploração de um ou vários dos seguintes elementos:

- o mal-estar econômico;
- o fracasso da administração pública;
- a exploração política ou político-ideológica;
- atuações negativas de agentes nacionais e/ou estrangeiros, em busca de um estado emocional, caldo de cultura indispensável aos gérmenes da subversão e da revolução.

Em regra, as organizações de informações que fazem Segurança Interna, atuam no campo econômico-financeiro, no da administração pública e assistência social, no da ordem política e no da contra-informação, em qualquer fase da vida dos Estados, estejam ou não ameaçados de comoveções internas.

Cada uma dessas frações se organiza de forma a melhor cobrir o campo de atividades a seu cargo. Isto varia em cada caso. No Brasil, a fração que tratar do setor político terá de, necessariamente, acompanhar as atividades estudantis, o que não acontece na Rússia, nem nos EUA, onde os estudantes não têm valor político.

A fração de Contra-Informações merece aqui uma pequena consideração, por termos notado a existência de alguma confusão acerca do que seja Contra-Informação.

Contra-Informação é o esforço de qualquer nação ou grupo de nações em descobrir, evitar ou neutralizar a ação clandestina inimiga, ou suas possibilidades de atuar clandestinamente contra nós. Ela é, antes de mais nada, a finalidade de um conjunto de ações de qualquer natureza que, por ilusão ou obstrução, visam impedir a um adversário obter informações sobre nós.

A parte das organizações de informações que elabora informações com essa finalidade específica, isto é, para servirem de base às medidas que deverão ser tomadas por qualquer outra organização, incluindo as de informações, é que denominamos de



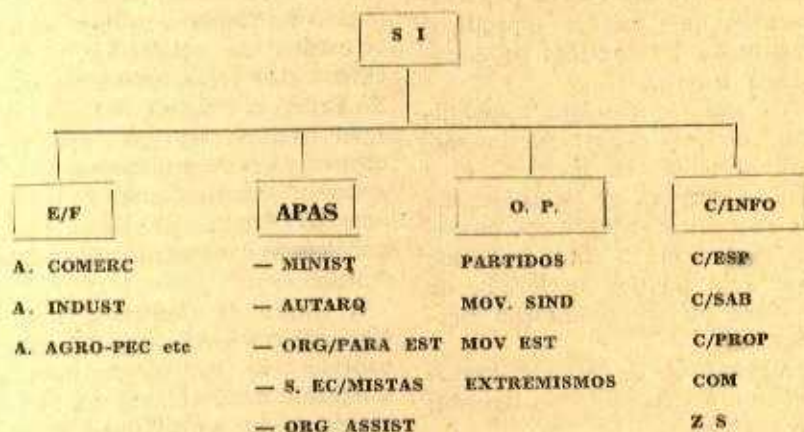
Contra-Informação, que pode ser realizada dentro do país ou fora dele.

Uma 2ª pergunta lógica seria sobre a localização da fração que trata de comunismo ou se a ação comunista não deverá ter prioridade sobre os demais assuntos a pesquisar. A ação comunista é sistemática e aprofundadamente

estudada na fração encarregada da Ordem Política, pois, por definição, é elemento antagônico à ordem vigente numa democracia cristã.

A prioridade com que deve ser tratada varia com a situação.

Resumindo, poderíamos ter na Segurança Interna uma organização nas seguintes condições:



A amplitude dessa organização é proporcional à da instituição para a qual deverá produzir informações. Seu caráter é civil e eminentemente técnico-profissional.

Esta fração não desempenha suas atividades isoladamente. Constituinte um departamento independente ou não, seu trabalho é entrelaçado com os das frações que fazem informações externas e internas. A primeira, com suas subdivisões em bases geográficas e segundo os aspectos das informações necessárias aos levantamentos estratégicos das áreas visadas. A segunda, incumbida do levantamento estratégico do próprio país, subdivi-

dida, segundo os aspectos das informações a serem elaboradas.

Qualquer que seja a forma de estruturar a organização de informações — em departamentos autônomos ou não, isto é, com direção centralizada ou descentralizada, ela deverá constituir um grupo central de uma comunidade de informação, da qual, forçosamente, farão parte todas as demais organizações de informações departamentais. Esse conjunto é dirigido, em todos os países que dispõem de sistema de informações, por um colegiado, do qual fazem parte os diretores dessas organizações especializadas.



Várias são as razões desta solução unânime:

- obter melhor entendimento e confiança; facilitar a coordenação do trabalho pelo estabelecimento de regras comuns, como de ligações, controle de agentes, etc; evitar perda de tempo e gastos supérfluos, além de conseguir mais eficiência pela repartição adequada dos objetivos de informações e de seus recobrimentos.

O melhor ou pior rendimento do trabalho de uma organização de informações não resulta somente da elevada técnica de sua execução, mas do entendimento entre seus componentes no sentido de propiciar intensa cooperação, nos limites do princípio básico de funcionamento de qualquer organismo de segurança — *compartmentação*.

Todo esse arcabouço, de nada valerá se não for capaz de reunir matéria-prima de boa qualidade. Determinado o que se deseja saber, através de planejamento típico tão conhecido, a reunião de dados que vem a seguir, para satisfazer às necessidades de informação, é trabalho delicado, a ser executado meticulosamente. Compreende duas operações: a da pesquisa de arquivos (documentos e publicações) e a busca operacional. Esta última, constando de operações ostensivas, secretas e clandestinas, utiliza elementos tecnicamente adestrados, pertencentes aos quadros da organização, agentes de baixo e alto nível, informantes,

confidentes e elementos infiltrados, e aplica todos os processos para obter informes — tais como, entrevistas, interrogatórios, provocações, aliciações ou sondagens e observações com auxílio de meios técnicos e sem eles. Tudo, com a finalidade de *ver, ouvir, relatar e transmitir*.

Estas quatro ações exigem preparo longo. Um estudo detalhado sobre as mesmas pode ser assunto para um curso de 4 horas diárias, de 12 a 16 semanas, para a iniciação de um futuro oficial de informações.

O material colhido no trabalho de busca de nada valerá, se não puder ser corretamente avaliado. O importante na avaliação é o estabelecimento de um sistema para classificar o informe. Qualquer que seja o método adotado, um informe não tem explicação, quando não é possível conhecer o acesso do agente à fonte ou ao objetivo, porque foi fornecido e o grau de consciência de quem o forneceu.

Não estamos fazendo um curso de informações e não poderíamos, no diminuto espaço de hora e meia, discutir detalhes de organização, de métodos de trabalho, etc. Ficamos nas considerações gerais e básicas.

*Sun Tzu* declarou em seu livro *a Arte da Guerra*, 500 AC, que "somente os governantes e generais sábios serão capazes de utilizar as melhores inteligências do Exército no trabalho de informações".

O trabalho de informações é difícil, pois exige argúcia, cultura, conhecimento profundo do



assunto sobre o qual se pesquisa, equilíbrio para julgar, etc.

A tarefa se nos afigura mais complexa no campo da Segurança Interna, e em particular quando o ambiente é de subversão. Os homens de informação também são nacionais, interessados nos mesmos problemas e influenciáveis pela mesma propaganda hábil.

Informação é conhecimento objetivo das coisas pela luz da razão, e seus responsáveis, à semelhança dos filósofos, devem trabalhar pela verdade, despreocupados da fortuna e da glória.

Os elementos que a compõem devem ser altamente selecionados.

É importante que, em qualquer circunstância, sejam capazes de realizar análises sadias, ou seja, de considerar possibilidades e também probabilidades, a fim de procederem a exames realistas, levando em conta todos os fatores e motivações que influenciam as situações.

A compreensão dos fatos é tarefa da razão, que encontra seus maiores obstáculos no campo emocional. Este, comumente, leva o analista a desvios tais que o impedem de compreender a realidade.

A consciência dessa deformação não é tão facilmente perceptível em nós mesmos, quanto nos outros, mas precisa estar bem presente nos homens de informações, a fim de evitarem toda a forma de pensamento patológico que pode ocorrer em homens sãos, por falta de método, por paixão, fanatismo ou duplo-pensamento.

Imaginamos que neste ponto da exposição, já tenhamos grande oposição às sugestões oferecidas porque, aparentemente, elas só teriam valor para a fase da *parada* à GR e muito pouco para a *resposta*.

Acreditamos, realmente, que as batalhas devam ser vencidas antes de serem travadas e, nesse sentido, o tipo de organização apresentado atende perfeitamente às duas fases. Informando ao governo para a *parada*, fornecemos-lhe os dados para o equacionamento das *respostas*.

Concordamos entretanto que, perdida essa primeira batalha político-administrativa e passando à fase da violência, a da guerra civil, essa organização terá de ser complementada por um sistema militar de informação de combate, amoldável ao tipo de luta (clássica, de guerrilhas ou mista) que dispensa comentários em nosso meio militar, por ser assunto vastamente tratado pelos regulamentos, manuais e notas escolares.

Não cabe no âmbito deste trabalho a apresentação de um formulário dos elementos a pesquisar dentro de cada campo. Deixamos semelhante tarefa à inteligência dos leitores ou ouvintes e dos que, por dever de ofício, tiverem de tratar do assunto.

## 5. PALAVRAS FINAIS

Após tantas considerações teóricas, mas que asseguramos terem sido resultantes não só de estudos, mas de intensa prática, onde tudo isto foi observado, executado e corrigido, gostaríamos



de fazer mais duas observações — uma sobre a conjuntura e outra sobre dois princípios básicos.

O Brasil é um país que apresenta vários dos sintomas de estar vivendo um clima de GR, mais porque enfrentamos uma crise de crescimento para a qual não nos preparamos, do que pela ação de agentes subversivos conscientes, nacionais, ou estrangeiros, adeptos ou não de qualquer ideologia política.

Este ambiente não foi planejado por ninguém e ninguém pode exatamente conduzi-lo a seu talante.

É indiscutível que este problema é inteiramente nosso, mas é evidente que há interesses alheios em jogo e interferência ou desejos de interferência no sentido de influenciar os rumos deste País.

A nós só interessa uma solução — a melhor para o Brasil — de acordo com as nossas tradições, o que não significa ser contrário à evolução, quando tudo evolui.

O coronelismo, hoje combatido, foi solução e, apesar de seus aspectos positivos de ontem, está ultrapassado pelas novas condições de vida.

O conceito de propriedade também tem evoluído. Uma reestruturação agrária em termos brasileiros, aliás a 2ª de nossa história, é indiscutível quanto à sua necessidade.

Nada disto é comunismo, imperialismo russo, americano, ou exatamente capitalismo de estado, como as propagandas se esforçam por demonstrar, no afã de destruir seus oponentes, ao invés de procurarem conduzir a

opinião pública, positivamente, pelas demonstrações das vantagens de adoção das diferentes soluções.

O primeiro tipo de propaganda — o negativo — constrói ódio, acirramento de paixões, radicalização de posições, etc. Não esclarece, emociona, estabelece a confusão e leva à revolução, para que se processe, sobre as cinzas da destruição, a evolução. Esta, que, neste caso, se realiza em dois tempos, o primeiro de reconstrução e o segundo de evolução propriamente dita, raramente, segue qualquer das soluções pregadas.

Isto nos demonstra a História, que também ressalta a raridade das evoluções pacíficas quando, num mesmo país, duas estruturas — uma arcaica e outra nova — entram em choque.

É fundamental que os acontecimentos e os fatos sejam interpretados corretamente, em cada oportunidade.

A propaganda política pode criar os fantasmas que desejar. Os homens de informação não podem aceitá-los sem a devida comprovação.

É importante que defendamos nosso sistema de vida democrática e cristã com base na *liberdade*, na *verdade* e com a *coragem* para reconhecer e corrigir nossos erros.

A definição de GR, aconselhada pelo EMFA, acredita-a de concepção marxista-leninista, mas admite a sua adoção por movimentos revolucionários diversos.

Sabemos, por experiência própria e por estudo, que os fatores componentes de um ambiente



emocional, caracterizado por desejo de mudança para o que seria melhor, são os mais diversos e, raramente, poderão ser criados e mesmo manejados em seu conjunto por alguém ou alguma organização.

Na realidade, eles podem ser explorados a partir de certa fase, quando suficientemente visíveis. Sem a existência deles não há quem possa criar o clima subversivo, indispensável à GR.

Cumpra pois, a organização de informações, mais do que assinalar aqueles que os exploram, apontar os fatos ou fatores ao governo para que este elimine os antagonismos, tão cedo quanto possível, sem esquecer que a missão da informação termina com a difusão, não lhe cabendo qualquer interferência na sua utilização.

Este nos parece o objetivo principal das Informações na GR — ser instrumento contra-revolucionário, que permite ao governo *prever para evitar*, de preferência a *reprimir*.

Tudo isto está consagrado pela experiência de milênios, Sun Tzu, grande general e técnico em informações, entre outras máximas afirmou: "O que capacita sábios soberanos e bons generais a combaterem, a conquistarem e a alcançarem resultados além dos obtidos pelos homens comuns, é o conhecimento antecipado, que se não adquire eliciando dos espíritos, indutivamente da experiência ou por cálculo dedutivo e só se consegue de outro homem".

Cem libras de prata gastas em informações economizam diariamente milhares de libras, além de

evitar comoções internas e externas, a exaustão dos exércitos e o distúrbio das atividades de centenas de milhares de famílias".

Estes e os outros princípios do célebre guerreiro oriental são válidos nos dias de hoje. Têm aplicação em qualquer tipo de guerra e, a nosso ver, muito em particular, na subversiva e na revolucionária.

Em qualquer caso, às organizações de informações e aos seus homens desejariamos lembrar dois princípios básicos — Eficiência e Prudência:

- *Eficiência* para informar certo e a tempo, aos que devem tomar conhecimento das informações;
- *Prudência* para realizar trabalho constante, *eskorreito*, sem hesitação e sem precipitação.

#### BIBLIOGRAFIA

- 1 — ART OF WAR — Sun Tzu;
- 2 — BATTLE FOR THE MIND — William Sargent;
- 3 — LA PROPAGANDE LA NOUVELLE FORCE POLITIQUE — Jacques Driencourt;
- 4 — THE ANATOMY OF REVOLUTIONS — Chane Brinton;
- 5 — EM CIMA DA HORA (TRAD) — Suzanne Labin;
- 6 — OS DOIS BRASIS — Jacques Lambert;
- 7 — REVISTA DE LA ESCUELA SUPERIOR DE GUERRA (REPÚBLICA ARGENTINA) — N.º 347/1932;
- 8 — MENSÁRIO DE CULTURA MILITAR — N.º Especiais de 1981 e 1982 e outros;
- 9 — DOC./ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA — ESG;
- 10 — DOC. FA-E-01/61 — EMFA;
- 11 — TRABALHOS SOBRE INFORMAÇÕES — Do autor.